

Viagens



01 No terraço do edifício tradicional é possível tomar o pequeno-almoço com uma vista panorâmica.

02 Simples e orgânicas, a decoração faz-se de tons pastel e peças improvisadas.

03 A estrutura onde encontramos o restaurante Orange inaugura a modernidade. O projeto é do arquiteto Pedro Campos Costa.

04 A cortiça é um dos materiais predominantes. Usando aos produtores e materiais nacionais, o hotel promove o que é inusso.

05 A tábua de queijos está entre as muitas opções para acompanhar um copo de vinho ao final do dia.

os olhos não é menos importante. De janela aberta a cortina ondula, ouvimos os gritos lá fora.

Ao final do dia toca bossa nova e as versões de clássicos da música popular brasileira ao pé da piscina, quando o Sol se põe e já pouca luz nos chega. Na estrutura aberta de bar serve-se champanhe e não há maneira: a mão foge para a taça de morangos mergulhados em chocolate – deixou a certeza que não são só para

endejar. A música no vivo e as bebidas que a acompanham animam os finais de tarde, todos os sábados, durante o mês de Agosto. Mas o [Gaudi](#) não se quer fazer valer só nos meses quentes, alerta Ricardo: "Também queremos que se viva o Inverno. Vamos ter workshops de cozinhas e tornemos de gole".

Na vila ainda há quem framboe o sobrolho quando ouve o nome. Ricardo sorri, críticamente, mas a intensão: "Queria um

nome que não quisesse dizer nada. Que se afastasse do 'atlântico', 'mar' ou 'sal'. Mas no mesmo tempo tinha de ter a ver com o projeto e a área. Testámos vários nomes e escolhemos este, é um nome que não quer dizer nada, que seja o drabé – o que tem a ver com a zona – e essa também ligado à essência."



O foi convidado pelo [Gaudi Tavira Hotel](#).

OZADI / Equilibrar os opostos e encontrar a virtude

Rumo ao Algarve, Maria Espírito Santo encontrou um refúgio entre copas de árvores, saboreou a arquitectura, a história, o design e a bossa nova com um copo de champanhe na mão. A novidade chama-se Ozadi Tavira Hotel

E impossível não sentir alguma familiaridade ao atravessar os arcos de braço imaculado ou subir as escadas de madeira clara, a caminho dos quartos. Nas casas de banho, o mosaico prega nos uma parida: por momentos julgamo-nos em casa dos avós, há algo de estranhamente familiar, a sensação semelhante a estar numa casa renovada, onde ainda conseguimos recuperar todas as recordações em recantos que já não existem. Mas as estruturas modernas e a decoração indicam-nos outro caminho, com um estilo diferente, menos nostálgico, mais dinâmico. O Ozadi faz-se novo e tem o melhor de dois mundos.

Sua história começo nos anos 70. Foi nessa altura que se ergueu o edifício principal, um bloco rectangular, daquele que se classifica Eurotel. Na sala de estar, ao lado de Ricardo Cerqueira, 34 anos, voltámos ao presente no conhecer a terceira geração que se encarrega do projeto. Há cerca de um ano no administração, ao lado dos pais, acompanhado a transformação do Eurotel de avô. "Foi o primeiro hotel de Tavira e dos primeiros do Algarve. Mas não era como o conhecemos agora, digo sempre que isso não foi uma reabilitação, foi uma reconstrução." Tinha o seu "charme", conta Ricardo, recordando que contava ainda com uma discoteca e estava integrado num sistema turístico que trazia animação à zona. A família é proprietária de outro hotel, também no Algarve, em Albu-

ra. "Com o passar dos anos, muito silenciosamente, a nossa atenção centrava-se no outro hotel, é maior que este e tem um enorme sucesso. Este foi-se desactualizando mas a certa altura pensámos que volta a pena investir." Daí a radical mudança na arquitectura e também no conceito. Não esquecendo o passado, o Ozadi transformou-se a todos os níveis. "Não queremos que seja um quatro estrelas normal. Costumo dizer que quero um quatro estrelas com serviço de cinco."

Equilíbrio. Entre o novo e o antigo, o sóbrio e o arrebatado, o orgânico e o moderno, a natureza e o charme, o campo e a praia. Para o Ozadi, a palavra ideal é "equilíbrio". De portas abertas há pouco mais de dois meses, aqui apela-se ao desenso, entre as crepas das árvores junto à piscina, mas também ao passeio; todos os dias a diferentes horários há transporte para a praia, para o centro de Tavira e também para outros pontos importantes das redondezas. Era apenas 10 minutos (duas deles num pequeno barco de pescadores) estamos na praia de Cabanas, por exemplo.

Apesar de vasto leque de opções, são muitas as que escolhesse fixar no Ozadi, longe da confusão. Ricardo Cerqueira atribui grande parte da culpa ao Orangea, o restaurante que é uma estrutura surpreendente em tons de madeira clara. O conceito é para saladas e pratos leves durante o dia, petiscos e selecção de vinhos ao final da tarde e uma série de pratos de raiz tradicional à noite. E se o



tempo é para ser saboreado num jantar entre amigos ou a dois, já em família e com crianças pequenas a conversa é outra e para isso serve o buffet: serviço todos os dias no terraço do edifício principal. O local onde também se serve o pequeno-almoço é uma estrutura aberta, cheia de luz e com uma vista sem igual para a praia. A balança antiga que aqui encontramos é apenas uma das muitas peças a completar uma decoração cheia

de referências: há Borda do Pinheiro e muitas peças de cortiça e cerâmica – todos os quartos têm candeeiros diferentes com história: "É o projecto Tassa de uns míticos aquí da serra que se juntam a artesãos para favorem peças à mão." A diferença encontra-se nos detalhes únicos. Trata-se de construir uma identidade, conclui: "Um hotel hoje em dia, a meu ver, já não pode ser só um sitio para as pessoas ficarem a dormir." Mas fechar